

Em Busca do Leitor: uma ação reflexiva¹

Adélia Souza de Lima²

RESUMO: “Em Busca do Leitor: Uma Ação Reflexiva” é um trabalho que, através de crônicas, conta os motivos pelos quais me tornei uma leitora. Minhas lembranças perpassam, desde a infância, momentos em que o convívio familiar me brindava com histórias, contos, acalantos até a adolescência. Rememoro a adolescência pautada pelos livros, os colegas, os amigos, a família que apreciavam e valorizavam a leitura. Preocupada em formar leitores, reflito sobre a minha prática docente e os fatores pertinentes ao desinteresse dos alunos em relação a essa questão que acredito ser vital para a apropriação da expressão oral e escrita. Concomitantemente, analiso a produção poética, presente na Coleção Almanaque Theniro do professor Luiz Roberto Lima Barbosa que, ao realizar o registro da sua prática, transforma em versos as indagações, as descobertas, as inquietações resultantes de sua experiência.

Palavras-chave: Leitor. Alunos. Docência.

ABSTRACT: “In Search of the Reader: A Reflective Action” is a work that, through chronic account of the reasons why I became a reader. Permeate my memories from childhood, times when the toasting my family life with stories, tales, lullabies until adolescence. I explain the games, the rhymes, the rimes, the popular verses, the challenges of the feast of St. John I recall adolescence guided by books, colleagues, friends and family who appreciated and valued reading. Keen to make readers reflect on my teaching practice and the factors relevant to students’ lack of interest in relation to this issue that I believe is vital for the appropriation of oral and written expression. Concurrently, analyze the poetic, in this collection Almanac Theniro Professor Luiz Roberto Barbosa Lima that by making the record of practice, transform the questions into verses, the findings, the concerns arising from their experience.

Keywords: Reader. Students. Teaching.

¹Artigo orientado pelo professor Luiz Roberto Lima Barbosa, apresentado para conclusão do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Instituto Federal Sul-rio-grandense - *Campus* Charqueadas).

²Especialista em Educação e Contemporaneidade (IFSUL – *Campus* Charqueadas).

INTRODUÇÃO

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 2008, p. 11)

No trabalho “Em busca do leitor, uma ação reflexiva”, como Riter (2009, p. 73), em “A Formação do Leitor Literário em Casa e na Escola”, investigo os motivos que me levaram a me tornar uma leitora. Por meio de crônicas que perpassam experiências indeléveis, que trago na memória, procuro na infância, na adolescência, nas brincadeiras, nas cantigas, nas narrativas, nos versos, nos contos, na convivência com os adultos, na profissão que escolhi e na prática que realizo com meus alunos os argumentos e as explicações que me fizeram acreditar numa forma de viver e de ser “absolutamente necessitada de leitura”. Em uma análise intimista, sondo a minha subjetividade ao longo das minhas vivências. Trago os sons, as cores, os sabores, as vozes de antigamente que me conduziram aos livros, a um universo impregnado de sonhos, de fantasias, sob cuja lei, a ordem era imaginar, criar, transformar, inovar, inventar. Comparo a criança e a jovem que fui com a infância e a juventude com a qual, hoje, muito mais aprendo do que ensino, e questiono obviedades que, em minha concepção, as afastam da magia e encantamento que os sedimentam como leitores, tais como a ausência de pais, tios, avós, professores, enfim, uma sociedade que priorize o valor e a importância da leitura; uma infância desassistida, carente de atenção, aconchego, carinho e orientação, que precisa ouvir e falar; de adultos que narrem e que também “se narrem” a essa criança com suas histórias, lendas, medos, bravatas que, através da oralidade, atravessaram gerações; a magia dos “contos de fadas, em cuja estrutura, como um sonho, há uma linguagem condensada, carregada de simbolismo em que cada personagem e cada tema nos remetem a outras questões representando valores universais e atemporais” (PARREIRAS, 2009, p. 75).

Na qualidade de professora de Língua Portuguesa e de Literatura sempre procurei formar leitores porque acredito ser impossível a aquisição da competência expressiva oral e escrita dissociada da leitura. Ao contemplar em meu universo docente, já em alguns “muitos” anos de magistério, crianças, adolescentes e adultos incapazes de “compreender” o que leem, muitas vezes avaliando algumas leituras como algo totalmente desprovido de significado que suscitasse instâncias de reflexão, análise, associação, relação e concatenação de ideias, pesquisei que ações são eficazes para formar leitores críticos com competência interpretativa.

Em relação à docência, apresento a minha prática e as atividades voltadas para a formação de leitores; o que idealizei, a realidade que castra, uma sociedade que não lê, que não investe, que não compra e não presenteia com livros e, algo muito mais sério, professores equivocados que, em sua fala e prática, afastam do aluno a possibilidade de se tornar um leitor. Analisei a poesia presente na obra do Professor Luiz Roberto Lima Barbosa, do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Lato Sensu), que corrobora com uma docência em livros artesanalmente elaborados e construídos, por si próprio, o registro de sua experiência entre os anos de 2007 e 2008.

1 FAMÍLIA

[...] no caminho até o portão da escola, por onde andaram os meninos e as meninas? Que brincadeiras brincaram, que desafios enfrentaram, que histórias ouviram, que medos viveram, que descobertas enfim pautaram o caminho desses meninos na formação de leitores do mundo? (RITER, 2009, p. 7)

“E mães (pais também) contadores de histórias são verdadeiras dádivas na vida de seus filhos.” (RITER, 2009, p. 13) Constituía-se de seis pessoas: o pai, a mãe, a Quita (eu a apelidei desta forma e nunca a chamei pelo nome), o Aldo, a Marlene e eu. Meu pai possuía o Curso Primário incompleto porque, proveniente de família numerosa, tivera que trabalhar desde muito cedo. Era muito inteligente, bastava fechar os olhos e resolvia qualquer cálculo de cabeça. Marítimo, comprara um barco e seu trabalho consistia em carregar areia para o porto de Porto Alegre. Uma vez, durante os três meses de férias escolares (dezembro, janeiro e fevereiro), ficamos embarcados. E nossa casa, nesse período, era o rio. Encantava-me com o trajeto, a paisagem, o amanhecer e o pôr do sol. À noite, a casa do leme, o convés e os quartos eram iluminados com luz de lampião. Lá fora, a lua passeava sua luz prateada sobre a água.

Apreciava ouvir as histórias dos adultos. Devia ter uns quatro anos e acompanhava as narrações, os contos, os causos e as lendas dos pescadores, reais ou inventadas, não importava. A qualquer momento, parecia que emergiria da água uma sereia ou Netuno com o seu tridente. Era o colorido da minha primeira infância. Para Saraiva (2001, p. 82), “os contos de fadas e outras histórias do gênero propõem uma ruptura com o real imediato e dirigem-se a regiões do inconsciente, fortalecendo a necessidade de beleza interior e de sabedoria, valores tão precários em um mundo chamado realidade”.

Minha infância assim era povoada de histórias de assombração, crônicas, fatos e episódios do imaginário de então. Nesse tempo, meu pai vendera o barco, trabalhava embaixo da terra, na mina de carvão e nos brindava com contos arrepiantes que nos punham a pensar sobre a sorte dos mineiros que lá morriam esmagados sob a terra. De quando em quando, ele assomava, na porta, com olhos no fundo e profundas olheiras, queixando-se que trabalhara ouvindo gemidos, gritos e vozes que se lamentavam e gritavam por socorro, ou ruídos vindos não se sabem de onde, denunciando passos. Eram as almas dos mineiros mortos. Que Santa Bárbara, sua protetora, lhes desse a paz eterna! Assim pedia minha mãe.

1.1 “UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS.”

Meus amigos, os livros, os livros! Muitos livros. Sempre os livros. Eles me ajudaram a elaborar o caráter da imortalidade inerente a todos nós. Não tínhamos livros em casa. Éramos muito humildes, contudo toda vez que a Quita vinha nos visitar, de Canoas, presenteava-me com, no mínimo, uns três livros. Estão gravados, indelevelmente, na minha memória, meus livros queridos: “As Aventuras do Pato Bolé”, “O Jacarezinho Egoísta”, (estes não lembro o autor e não os tenho mais), “A Chave do Tamanho” (Monteiro Lobato), “Meu Mundo

Adolescente” (Pe. Zezinho), e mais: “A Cega de Sorrento”, “A Morgadinha dos Canaviais” de Júlio Diniz (autor português que vim a estudar, mais tarde, com dezoito anos, na faculdade; nesta época, deveria ter uns 11 anos), “A Corrida para a Felicidade” e “A França de Robespierre” da coleção Primavera.

Adorava as palavras, procurava aquelas que não sabia no dicionário, e me deleitava com as figuras de construção, de linguagem e de pensamento. Entretanto o livro número um, que lera pela primeira vez, fora um presente da professora. Fizemos um teste de leitura e, no final, ela me parabenizara porque lera perfeitamente e com muita fluência. Deu-me de presente “O Pintor”, um livro ilustrado. Eu o recebera como uma jóia e correra para casa. Mostrei-o a todos. Passei o dia lendo e relendo aquilo que, para mim, tinha o sabor de um grande troféu. Com 10 anos, dera início à leitura dos clássicos. Na quinta série, a professora solicitara que lêssemos “A Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães. O que hoje seria considerado um crime se sugerido aos nossos pré-adolescentes, para mim, outrora, traduzira-se em puro deleite. Senti-me profundamente valorizada por, criança ainda, ler uma obra de tal envergadura. Senti-me capturada pela jovem e culta Isaura. Penalizada, a acompanhara em todas as suas agruras, enquanto moradora da imponente mansão senhorial em Campos de Goitacases, pertencente à família de Leôncio, terrível carrasco caracterizando, em suas atitudes, todo o caráter abominável e hediondo da escravidão de que fora vítima a raça negra, em nosso país, até as lutas pelo ideal abolicionista lá pelos idos de 1869. O vocabulário culto e majestoso exibia-se em palavras, com plurissignificados, fartando-se em metáforas e hipérboles, bem ao gosto da estética romântica.

Em nenhum momento, pensava em desistir do livro, ao contrário, lê-lo era um desafio, um rito de passagem. A infância se despedia e eu viajava nas asas da erudição de Bernardo Guimarães.

Trago até hoje na memória a canção entoada por Isaura, expressando toda a sua ignomínia diante da sua condição, quando a executa, ao piano, assim que o autor a apresenta ao leitor sequioso de conhecer a maviosa voz que se faz ouvir ao adentrarmos à rica construção em que se desenrola a maioria dos acontecimentos. Crescera vendo e ouvindo que a leitura era um valor. Minha mãe sempre dizia que o maior tesouro que poderíamos encontrar era o conhecimento. Por isso, respeitávamos os livros. Eles eram sagrados. Ela não estudara e desejava ardentemente que as filhas a superassem. Sua grande lástima era a seguinte: - Como eu queria entender porque leio e não escrevo! “Tudo o que eu gostaria, na vida, era poder escrever.” Com essas palavras, ignorava que inscrevia, a ferro e fogo, em nossas almas, a urgência, a primazia, a magnificência da leitura e da escrita.

O que mais fiz, em minha infância, foi brincar. Nossa rua, para a qual retornei, a Marechal Floriano, no centro de Charqueadas, era uma festa. Todas as crianças se reuniam para brincar no meio da rua. Poucos possuíam carros. A televisão ainda não fora sacralizada, não ocupava espaço em nossas vidas. Somente com a copa do mundo, de 1970, quando eu estava com 10 anos, que um aparelho de televisão chegara a nossa casa. Era ligada de vez em quando e nós, crianças, maravilhadas com os amigos, com a vida e as brincadeiras não tínhamos tempo para ela.

Recordo-me que brincávamos de roda e as cantigas embalavam nossos sonhos, mentes e corações. Os olhos faiscavam, a satisfação era plena. O mundo pintava-se multicolor. Em unísono, assim cantávamos, ocupando, em círculo, o centro da rua: “Ciranda, cirandinha,/ Vamos todos cirandar,/ Vamos dar a meia volta/ Volta e meia vamos dar!/ O anel que tu me deste era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou./ Por isso, dona Ciranda, entre dentro dessa roda,/ Diga um verso bem bonito, diga adeus e vá s’embora!” Uma criança, previamente, escolhida, entrava no centro da roda e recitava: “Batatinha quando nasce/ espalha a rama pelo chão./ Menininha quando dorme/ Põe a mão no coração!” E girávamos emendando uma cantiga a outra: “Atirei o pau no gato-tô, / mas o gato-tô/ não morreu-reu-reu!/ Dona Chi-ca-ca/ admirou-se-se/Do ber-ro, do ber-ro/ que o gato deu: - Miiiaaaauuuuuuuu! (Na realidade, cantávamos assim: “Dimirou-se-se/ dom berro, dom berro...” Através dessas cantigas, muito semelhante ao enredo dos contos de fadas, de forma lúdica, a criança elabora questões pertinentes ao mundo dos adultos como podemos detectar em Parreiras (2009, p. 77), “valores universais como inveja, egoísmo, ciúme, desejos, traição, poder, lei do mais forte.... trarão à baila reflexões sobre as fraquezas que a humanidade carrega”. Havia outras cantigas com as quais nos deleitávamos, contudo a memória trouxe-me algumas. As demais ficaram perdidas no tempo, talvez, por não ouvi-las mais nos lábios das crianças de hoje. Onde elas estão? Por que não alegam as ruas, os pátios...? Por que não correm e cantam? Onde se encontram os contadores com suas narrativas, seus encantamentos, sua magia a observar-se, a narrar-se para a infância de hoje? Vejo o computador, a televisão, o celular substituindo o afago, o olhar, o abraço, o sorriso, a interação, as mãos dadas, a troca...

Creio que hoje vivamos carentes de seres contadores de histórias. Onde os avós, os pais, os professores de cujas bocas nascem narrações (adaptadas, inventadas, repetidas, isto não importa!)? Onde andam as vozes cantadoras de cantigas de ninar, de quadrinhas, de adivinhas? Onde? (RITER, 2009, p. 20)

1.2 A ESTANTE, SOLANGE E ANGÉLICA: DUAS AMIGAS LEITORAS

Dos 12 aos 13 anos, li muito. Nas férias grandes (dezembro, Janeiro e Fevereiro), passeava na casa da Quita em Canoas. Era lá que queria ficar para me encontrar com ela, a grande reveladora dos mistérios, dos lugares, dos sentimentos, das possibilidades, de tudo o que vivia e aprendia: a Estante. Ficava no centro da sala, com sofás e tapetes, convidando-me, instigando-me, capturando-me. Além dos clássicos brasileiros José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado e toda a poesia existente, tramitava pela literatura universal de Dickens, Tolstoi, Dostoiévsky, Balzac, Thomas Mann e tudo o mais que habitasse aquela estante. Minha irmã sempre me dizia que estava relendo os clássicos. Se ela os relia, também eu, pois deviam ser de tamanha importância. Fascinara-me com “O Guarani” de José de Alencar. Tudo o que almejava era ser amada como Ceci, pois “Loredano amava, Álvaro desejava e Peri adorava.” Era um amor diferente, de pura doação. Quando o livro me encantava, costumava lê-lo, no mínimo, por

três vezes, até incrustá-lo na memória. Assim também o fizera com o bruxo do Cosme Velho, Machado de Assis, o grande psicólogo. O vocabulário rico, sua erudição, seu sarcasmo e sua ironia consolidavam a estética realista. Desde o poema “À Dona Carolina” (dedicado a sua esposa) à transição do Romantismo ao Realismo com “Helena”, “Iaiá Garcia”, “O Memorial de Aires”, o clássico “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e os contos. Não obstante, o que ficou para sempre, majestosamente consagrado, foi “Dom Casmurro”. Li-o inúmeras vezes. Cada vez que o olhar passeia pela estante e o encontra, preciso relê-lo. Será que Capitu, a inteligente Capitu, “a cigana de olhos oblíquos e dissimulada” (ASSIS, 1999), realmente traiu Bentinho? Ou sua personalidade insegura, indecisa e imatura criou tudo isso em sua mente conturbada, atribuindo à bela e eloquente Capitu uma traição sórdida e injusta com Escobar, o grande amigo? E o que dizer do filho de ambos, cópia fiel, física e psicológica de Escobar?

Ao regressar das férias, com quinze anos, partilhava tudo o que lera com a Angélica e a Solange. Ficávamos discutindo as personagens que mais nos intrigavam. Trocávamos livros, questionávamos, recriávamos mundos... Era a arte da palavra inquietando-nos e maravilhando-nos ao mesmo tempo. Em 1978, estudando no Magistério, na cidade de São Jerônimo, pois Charqueadas ainda não possuía uma escola para formação de professores, ratificava-se a paixão pela poesia. Nessa época, também lera Jorge Amado e, definitivamente, voltara, várias vezes ao romance mais lírico de sua obra: *Mar Morto*. Hipnotizada pela coragem de Guma e a força de Livia, nem por isso descartando, em suas características, todo o engajamento político do autor. Navego no universo de Vinícius de Moraes, nos versos perfeitos e clássicos de Cecília Meireles, na inquietude de Bandeira, na irreverência de Drummond. Eu, a Solange e a Angélica líamos e decorávamos todos os poemas. Tínhamos, por hábito, pousar uma na casa da outra para ler, ouvir e conversar embaladas em tamanha subjetividade. A professora Beatriz, de Língua Portuguesa e Literatura, fazia questão que eu lesse tudo o que escrevia para a turma e levava-me, nas outras séries, para recitar poemas.

Ler alto um poema é um ato de ter voz, de se colocar, de se expressar, tão importante no processo de ensino à criança. Ao ouvir a própria voz, a criança se ouve, se conhece. E ao ouvir o colega, ela vê o outro. É uma experiência de socialização e de afirmação da identidade. (PARREIRAS, 2009, p.67)

Acredito que esse processo pode ser trabalhado em todas as idades, especialmente com aqueles jovens que não desenvolveram o hábito de ler. Lembro-me menina, adolescente, tímida e insegura, totalmente valorizada. Era a literatura cumprindo uma das suas tantas missões: “sendo compreendida como um modelo de pensamento que recorre à ficção e à poesia para interpretar e dar significado à vida e ao mundo.” (AZEVEDO, 2004, p. 9)

2 DOCÊNCIA

Parecia que o meu peito ia explodir de tanta felicidade no meu primeiro dia em que me apresentei para trabalhar. Tudo o que queria era aproximar meus alunos da Língua Portuguesa, fazê-los amar as palavras como eu o fazia e, principalmente, falar-lhes dos livros, pois tudo o que almejava era formar

leitores “em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2008, p. 21). Iniciei meu trabalho no Ensino Fundamental. Eram três quintas séries: as turmas 51, 52 e 53. A faixa etária oscilava entre 10 e 14 anos. Eram alunos curiosos, vivazes e alegres, um campo fértil para semear a leitura e promover leitores, a intimidade com o idioma, a capacidade crítica e interpretativa. Entretanto, nessa época, pelos idos dos anos 80, observei que a leitura não era o centro do currículo, mas apenas mais um conteúdo a ser trabalhado aleatoriamente. O ano era dividido em bimestres e os professores estavam muito mais preocupados em “vencer o conteúdo” do que propriamente em formar leitores. A escola se perdia entre “o que fazer?” e “como fazer?” em relação à leitura dos livros. Pedíamos um livro em cada bimestre, contudo não era suficiente. Sentíamos que os alunos precisavam ler mais. Havia outros empecilhos: as crianças não queriam ler dizendo que era muito chato e optavam pela reprovação. Muitos pais não compravam os livros argumentando serem demasiado caros. Mesmo assim insistíamos, e vejo, hoje, que a avaliação era bastante questionável. Solicitávamos uma ficha de leitura baseada em questões e resumo sobre a leitura realizada, queimando “as etapas de motivação, exploração e extrapolação que abrangessem o caráter mágico e reflexivo do que fora lido”. (RITER, 2009, p. 16)

Trazia comigo uma vontade de trabalhar a leitura de forma devastadora, porém não constatava os efeitos desejados. Frustrava-me por perceber que meus alunos liam apenas por obrigação e que a leitura não lhes era necessária. Tratava-se de algo assaz enfadonho e complicado. Sem desistir, comecei a trazer-lhes poemas e os lia ou os recitava, em aula, na tentativa de despertar-lhes a atenção para a sonoridade, a beleza dos versos, a sutileza das rimas. No final dos anos 80, percebi poucos avanços e uma realidade passou a assustar-me: os professores estavam parando de pedir leituras aos seus alunos. Desanimavam-se por observar que os pais não se preocupavam em formar filhos leitores. As crianças e os adolescentes liam cada vez menos e a escola não fazia a sua parte.

[...] a escola não pode se contentar com uma leitura mecânica e desestimulante. A escola pode e precisa comprometer-se com muito mais do que isso. Ela pode e precisa comprometer-se com uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim estará ensinando seus alunos a usar a leitura e os livros para viver melhor. (PNBE 99, 2001, p.19)

2.1. A REDE PARTICULAR

A partir dos anos 90, comecei a dar aulas na rede particular, durante dez anos, entre Canoas e Porto Alegre. Atuando durante um tempo como coordenadora de Língua Portuguesa, e sempre como professora no Ensino Fundamental e Médio, vi a docência sob outra perspectiva. Contudo também relegava a leitura a um trabalho extraclasse e não a tratava como um exercício imprescindível na formação crítica e auto-reflexiva na vida de cada aluno, “daí a necessidade de o professor não pensar as atividades de leitura como fruição, mas também como possibilidade de conhecimento reflexivo e, conseqüentemente, de qualificação de seus alunos e de si mesmo” (RITER, 2009, p. 54). A fluência tanto oral quanto escrita dos meus alunos sempre foi a minha preocupação além da aquisição

do conhecimento normativo. E sabia que a base de tudo era a leitura. Só ela lhes garantiria o enriquecimento lexical, o domínio interpretativo e a efetiva compreensão da sintaxe. O ensino de texto isolado e da gramática, mesmo que contextualizada, não forma leitores, apenas sistematiza um saber bancário. Em minha prática, deparei-me com muitos alunos que não tinham o hábito de ler e, em consequência, detestavam a Língua Portuguesa bloqueando toda possibilidade de aprendizagem. Detectei que a rede particular de ensino objetiva a mensalidade em dia e o contentamento dos pais; nesse contexto, o aluno é visto como um cliente e a escola uma empresa. Então, se a escola já cobrava, na opinião dos pais, uma alta mensalidade, não deveria exigir a compra de livros e, sim, explorar o acervo da biblioteca. Por outro lado, este não contemplava o número de alunos por turma e, em decorrência disso, os alunos escolhiam uma obra e a apresentavam num dia previamente estipulado para a classe, eximindo, tal metodologia, a interação e a reflexão do mesmo texto. Portanto, “para se formar leitores, precisa-se de momentos individuais e também espaços para troca, para partilha dos diferentes olhares” (RITER, 2009, p. 57).

Tendo em vista a realidade em que estava inserida, desenvolvi, com meus alunos, uma atividade a qual chamei de “Trabalho Literário”, baseada na análise de contos e crônicas, a fim de que grupos de alunos lessem os mesmos textos em forma de rodízio. A leitura realizava-se, em sala de aula, com a exploração do vocabulário e uso do dicionário. Para tal tarefa, havia um caderno próprio para esta escrita. O trabalho consistia em apontar os elementos estruturais desses textos, produzir um pequeno resumo, posicionar-se criticamente e interpretá-lo de forma criativa através de desenhos, cores ou colagem. Percebi que os alunos se interessavam por esse tipo de atividade com as diferentes possibilidades interpretativas que surgiam. Entretanto eram práticas isoladas, um trabalho solitário, pois não havia uma unidade de ação, e uma prática metodológica, entre o corpo docente, que contemplasse a formação de leitores. Como resultado, os professores trabalhavam de forma diferenciada, ora priorizando a gramática, ora a leitura e a interpretação, ora contextualizando-as. Nas poucas reuniões de formação (em minha concepção, deveriam ser mensais), o grupo enfrentava um dilema: como conjugar gramática e texto? E, mais uma vez postergava-se o incentivo, a capacitação e a qualificação de leitores. E, como consequência, colhíamos o péssimo resultado de alunos evidenciando analfabetismo funcional.

[...] ao se referir a um número significativo de pessoas que decifram bem a escrita, porém não conseguem ter uma posição crítica ou reflexiva sobre aquilo que acabaram de ler: ‘precisamos aprofundar nossa compreensão do que seja mais genuinamente ‘aprender a ler e escrever’. (FREINET, apud, MARTINS, 2009, p. 24 e 25

2.2 REDE ESTADUAL

Em 2000, ingressei na rede estadual. Alline chegara, a filha muito mais que adorada. Desejava que ela também amasse a leitura, por isso comecei a comprar livros de todas as formas, cores e tamanhos. Queria ensinar-lhe tudo o que sabia. No trabalho, não é diferente. Faço inúmeras descobertas: o aluno, quando quer aprender, o faz independentemente do lugar onde está. A força que o move é maior que as adversidades. Entusiasmada com esses pressupostos, iniciei um

trabalho voltado para a produção textual com o objetivo de motivar e mostrar que a chave de todos os segredos encontra-se na leitura, “no prazer que as palavras possuem e em todo o universo que as páginas de um livro escondem”. (RITER, 2009, p. 57). Desenvolvi um trabalho com poesias que consistiu no seguinte roteiro: distribuir aos alunos variados livros de autores brasileiros, dos quais cada aluno escolheria um poema, devendo explorar o seu vocabulário, ilustrá-lo ou fazer uma colagem, e, após, revelar o que sentiu ao trabalhar com tal texto. É notável a forma como os alunos se divertem e se enlevam com a sonoridade e a musicalidade presentes no ritmo e métrica, com o convite a imaginar sonhos e realidades possíveis, na riqueza de metáforas e construções inerentes ao estilo de cada autor escolhido, consolidando a ideia de que ler: “é a capacidade do maravilhamento com uma rima, com uma construção frasal, com a beleza que as palavras, muitas vezes recriadas ou usadas num sentido não literal, podem propiciar.” (RITER, 2009, p. 53) Na rede municipal, focalizo minhas aulas na produção escrita e em atividades literárias, às vezes, dedicadas à poesia e construção de poemas e, em outras, intensificando a leitura de crônicas e contos, alternadas com aulas concentradas na gramática, de forma que, após o término de cada atividade, o aluno tenha sempre, à mão, uma coletânea de versos ou de narrativas, sempre convencida de que é necessário fomentar leitores. Desenvolvo um projeto com a professora de Educação Artística chamado “Bichinhos da Primavera”. O projeto consiste em os alunos do Ensino Fundamental (turmas 61 e 62) criarem um bichinho imaginário que surge na primavera, devendo determinar-lhe o *habitat* (uma gota de orvalho, um tronco de árvore, uma nuvem, um raio de sol...) e suas características físicas e psicológicas. Após os desenham e os pintam em telas. No que tange à Língua Portuguesa, competelhes transformar a pintura em versos. É a arte duplamente representada.

[...] um ambiente escolar dinâmico e integrado ao meio ambiente; de materiais com os quais a criança possa trabalhar e evoluir; de modelos nos diversos tipos de atividade: na fala, na escrita, na música, no desenho, no comportamento geral; de atividade auxiliar por meio dos adultos, seja na escola, seja na família. (FREINET, apud MARTINS, 2009, p. 23)

Observo tanto no estado quanto no município a falta de um projeto e de uma metodologia que coloquem a leitura em primeiro plano. A realidade apresenta-nos alunos que terminam o Ensino Fundamental e Médio sem dominar a capacidade de expressar-se de forma escrita e, muitas vezes, com uma oralidade precária e titubeante. A nossa absoluta necessidade de leitura deve motivar e demonstrar o tempo todo o nosso amor pelos livros, pois “o professor é bendito quando transforma sua sala em ambiente fomentador de leitores, [...]” (RITER, 2009, p.74). Na rede estadual, pedi aos meus alunos de quinta e sexta séries, que lessem as obras “Pollyanna- criança” e “Pollyanna moça” de Eleanor H. Porter, com a pretensão de maravilhá-los com o otimismo da personagem e o seu incomparável “Jogo do Contente”. Propus a leitura e convidei os pais para lê-los juntamente com seus filhos e trazerem as suas reflexões e descobertas para a turma. O livro “Pollyanna Moça” traz uma personagem maravilhosa e criativa, que consegue através da leitura e paixão pelos livros superar a deficiência física que possui (fadada que está a uma cadeira de rodas devido a uma doença congênita), provando que livro é remédio que resgata e salva contra as adversidades propostas pela vida. Assim vivia Jamie: “Quando o

menino não estava a brincar com os pardais e os esquilos, estava a ler. Em seu carrinho, havia sempre dois ou três livros muito surrados e várias revistas [...]” (PORTER, 1982, p. 58). Ele fascina e maravilha a todos com a sua capacidade de narrar os livros que lera com perfeição, enfeitando a todos que o ouvem. Sem jamais ter ido à escola, adquiriu a competência da oralidade e da escrita através dos presentes mais preciosos que já lhe caíram nas mãos: os livros. Seu amigo, Jerry, os conseguia em sebos. Eram velhos e usados; contudo, nem por isso lhe impediriam de desenvolver a habilidade linguística. A ideia de indicar “Pollyanna Criança” e “Pollyanna Moça” veio das férias de verão que passei com minha filha Alline. Lemos juntas esses dois livros. A cada dia, devorávamos um capítulo. Eu lia uma página para ela e a outra ela lia para mim. Fizemos juntas uma viagem maravilhosa com Pollyanna.

Para que os pais dos meus alunos apreciassem a mesma experiência de ler com seus filhos, sugeri-lhes que poderiam realizar a leitura juntos. No dia combinado, consegui, em cada turma, meia dúzia de pais. Mas valeu a pena. Os diferentes olhares e o contraponto do adulto com a criança enriqueceram o trabalho.

3. THENIRO

A indicação de livros, com certeza, deve estar inserida num projeto maior, não apenas a cobrança da leitura por si só, mas a capacidade de ressignificá-la. Para tal, carecemos de professores que – mais do que professores – sejam, de fato, fomentadores de leitores. Professores apaixonados por livros. Mais até, viciados! Professores que se alegrem com as letras. Professores que andem com livros debaixo do braço. Professores que leiam poemas, contos, fragmentos de textos em aula. Professores que contem sobre o que estão lendo para seus alunos. Professores capazes de se emocionarem ao ler um bom texto. (RITER, 2009, p. 75)

Terceiro dia da pós-graduação. E ele chega. Carregado de livros, de ideias, de falas, jeitos e olhares. Todo ele é comunicação. O riso é fácil. A gargalhada é pessoal, única, singular, transbordante. Assim que o vi e ouvi, sabia que faria a diferença para além de nossas vidas. Não perguntou nossos nomes. Não precisava, conhecia-nos. Apresentou-se, disse a que e por que veio. Sua disciplina possuía um título inusitado “Linguagens, Processos e Desejos”. A aula tinha um “que” de convite, de sabor, nos seduzia... Sabia que estava diante de um escritor. Não falava, poetizava. Todo ele era conteúdo. A aula fluía como um rio a caminho do mar... Era fonte, ar, necessidade. Impressionava-nos com seu pensar. Perspicaz, arguto, atento a tudo e a todos, falava e deixava falar... Inquietou-nos por diversas vezes: *“Escrevam sem interpretar. Apenas vejam. Não se preocupem com o leitor. Escrevam por e para vocês./ Que o olho se eleve até as visibilidades. O que somos capazes de dizer hoje, o que somos capazes de ver?/ Damos a tudo uma personalidade muito grande./ Jamais interprete, experimente. Ver e falar. Praticar o exercício de não interpretar./ Ao interpretar, julgamos e nos punimos. É simplesmente escrever...”*

Convidou-nos e mostrou-nos que podíamos escrever naturalmente. Propôs-nos algo que deveria ser corrente em nossa prática: a escrita desmitificada, inteira, nossa... o devir: o registro do que acontece. Tão óbvio. Escrever a prática e refletir sobre ela. Surpreende-nos com uma pergunta: “Vocês já tentaram fazer o que propõem aos alunos? Colocaram-se no lugar deles?”

Aqui nos capturou totalmente, pois angustiava-nos com a avaliação. Ele apenas observava, ouvia, captava... Pedia-nos apenas que escrevêssemos as impressões que tivéramos sobre as aulas. Sem exigir, exigia. Sem impor, impunha. Escrevíamos sem formatar, sem normatizar, sem julgar, sugeríamos “tonterias”, uma forma lúdico-reflexiva de expressarmos o nosso devir que “combate a pedagogia tradicional e se alinha com as pedagogias libertárias” (FREINET, apud MARTINS, 2009, p. 27).

As aulas consistiam em surpresas, uma após a outra. No penúltimo dia, como documento avaliativo, pede-nos uma fotocópia de nosso caderno com todas as anotações realizadas em aula. E mais: ofertou-nos a oportunidade de sermos protagonistas e autores da nossa própria avaliação. Estávamos livres para escolher um trabalho que contemplasse o conteúdo estudado. Nunca o significado de uma “avaliação processual” fora tão cristalinamente compreendido. O resultado foi à altura da proposta: a turma acolheu a ideia, com entusiasmo, e, em grupos, construiu os mais belos trabalhos que honrassem o sentido da “linguagem, do processo e do desejo” de cada um.

Em minha investigação, ao buscar o leitor, encontro, em sua coleção de livros, artesanalmente confeccionados por ele mesmo, textos, desenhos, colagens e toda e qualquer mensagem passível de registro entre os anos de 2007 a 2009, sublinhando uma prática investigativa com perspicácia e argúcia como um caleidoscópio que a todos e tudo devassa com a arte de seu olhar: “O que são pessoas normais? Qual é o padrão quando cada um é um? E único? Como agrupar a diversidade?” (THENIRO, 2007).

Percebe-se, em seu texto, o rompimento de paradigmas, em deixar ser, fluir, com um texto despojado: “O Livro da ‘academia’/a tese/ a dissertação/ a monografia/ o artigo/ o capítulo/ a aula/ (versus)/ A régua, a norma, a doutrina, a lei, o regimento.” (THENIRO, 2008) “Afiml o que é/Um CURSO? Um/ Caminho ou (DES)/ caminho/ EMcaminhamento.

Eterna Mágica/a força de um sapateado/ a lambida (órbita) de olhos por/ superfícies.” (op. cit.) Detecta-se, neste texto, a constante da percepção acentuada, a onipresença latente dos sentidos.

“KIPAPUXATU/ DEXEUKIÉTU/ NUMEUJEITU/ DEXEUMORÊ/ NU TEMPU/ KIFOR.” (THENIRO, 2007)¹. Em texto contemporâneo, observa-se fonética e ortografia agregadas em consonância com o som e o significado numa nova proposta de expressão. A comunicação esparrama-se em possibilidades.

“Vocês vêm/e vão/e eu/venho...” parodiando Mário Quintana (THENIRO, 2008)

A permanência da oração “e eu venho...” afirma o que o sujeito propõe, que existe... O verbo, no presente do indicativo, enfatiza a presença de alguém que “celebra” o ato de caminhar. Nesse sentido, o passado está consumado e a vida se resume à experiência que lhe é dada. “Assim, elas (as perguntas) nada revelavam do espanto que se tem quando se olha para o mundo com atenção.” (ALVES, 2003, p. 28)

“- Diga-me sobre as migalhas/Diga suas migalhas/Suas falhas. (THENIRO, 2008) O eu lírico nos convida a revelar-nos a partir de pequenos fragmentos (migalhas). A possibilidade do “outro” que “escuta” oferece o enfrentamento, propõe-nos a questão da falibilidade que nos é inerente. “Refletir é transgredir a ordem do superficial” (LUFT, 2006, p. 153). A existência passa a ser ressignificada e, ao mesmo tempo, reinventada tendo-se em vista que as “falhas”, os desvios, que a permeiam, nada mais são do que desafios a serem suplantados.” A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. (LUFT, 2006, p. 155)

“Deslocamento/locar/desfoque/foco/des/arranjo/arranjo/des.../deslocamento/desterritorializamento/tirando do lugar/sem sair do lugar,/sem sair do mesmo lugar/lugar/deslugar desligar/lócus/desloco/ofusco

ARRUMO DESARRUMO RUMO

territorializando desterritorializando...” (THENIRO, 2008, p. 108)

O prefixo –des proclama movimento, impasse, mudança, perspectiva, propostas, alternativas... “Mudar” sem sair do lugar.” Desbravar outros territórios e apropriar-se do seu. A dinâmica que emerge do texto impele-nos à “des” construção da mesmice e a consequente instalação da rotina. Para isso, “... é necessário aprender as desutilidades, as coisas que, servirem para nada, nos dão alegria e razões para viver... ‘aprender a adivinhar as nuvens’, Mário Quintana diria ‘olhar uma paineira florida’...” (ALVES, 2003, p. 46)

“Junto vem o/desenhista o/mensurador o/agrimensor o/professor.../investigador” (THENIRO, 2008, p. 170) A repetição do artigo definido “o” determina o conjunto de habilidades que compõem o professor. Observa-se que a arte salpica, com seus variados matizes, as possibilidades da docência sem descartar o método, o detalhe, a tangibilidade. A experiência desvela e capacita o professor que se anuncia. Sob essa perspectiva, Paulo Freire sugere: “... eu me senti levado – e até gostosamente- a ‘reler’ momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade,...” (FREIRE, 2008, p. 11) “não existe tristeza na morte,/o triste é não aproveitar a vida!/não existe início nem chegada,/só o caminho!” (THENIRO, 2008) “Mas que o mínimo seja o máximo que a gente consegue fazer consigo mesmo” (LUFT, 2006, p. 155).

Às vezes, em nossa trajetória, deixamos o medo da morte apoderar-se de toda uma existência. E o mistério do nascimento, a vida que é um direito e, por conseguinte, um presente deixa de ser celebrada. “De graça” passa a ser -des (graça). Inadvertidamente não valorizamos o presente e a força que possuímos de criar e recriar a própria vida. Imprescindível é que nos enlevemos com o percurso, o aprendizado, a trans (formação) da caminhada.

“Istikakî/ Istikalî/ I, pum!!!” (THENIRO, 2008)

“trans/ itantes/akelis/habitantes” (THENIRO, 2008)

A representação gráfica do som adquire novos contornos. A escrita despojada distribui-se em alternativas sonoras. Dessa forma, a transgressão adota um teor de razão quando brinca, levita e intensifica. A grafia traduz o som. A informalidade gráfica configurada transforma a leitura em pura simplicidade e diversão, reportando-nos a Freire quando afirma que “A decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura do mundo particular’.” (FREIRE, 2008, p. 15)

“LIVRO de ler/de escrever/de desenhar/que livro/de soprar/de lamber...” (THENIRO; 2007) O poema, categoricamente, apregoa a multifuncionalidade do livro. Ele é o tudo que encerra necessidade, criação, fruição e deleite. As ações que especificam o tipo de livro despertam-nos para a possibilidade de sonhar, aprimorar, fantasiar... conduzindo-nos à inesgotável e relevante urgência de efetivar o ato de ler. Riter assim se manifesta diante do seu primeiro livro: “mergulhei nele como sobrevivente em deserto ao se deparar com o oásis. Mergulhei com o anseio de ter entre as mãos um livro meu.” (RITER, 2009, p. 28)

“No céu, nosso caminho é claro./Mapas eternos que o sol/e as estrelas cartografaram.” (THENIRO, 2007) Viver é simples. A complexidade reside em nós. Assim os elementos e a natureza o atestam. Se caminho é claro e possui o aval do sol e das estrelas por que escolher a penumbra, as pedras, a imobilidade? Em cada amanhecer, fazemos escolhas. O caminho é límpido. Descompliquemos então. Para Luft, “O equilíbrio da balança depende muito do que soubermos e quisermos enxergar.” (LUFT, 2006, p. 14)

“Amor/fidelidade/sacrifício/teatro/ cinema/ TV/ narração” (THENIRO, 2007) Amar pressupõe entrega, doação, incondicionalidade. É fazer o outro feliz. É o sacrifício de si. É a fidelidade que enlaça, abraça. Por isso, também é dor, sublime, total... É o espetáculo da vida, a matéria-prima da arte. Assim preconiza Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 2008, p. 11)

“Guardar, guardar, guardar/Guardar uma coisa não é trancá-la/Em cofre não se guarda nada/Em cofre perde-se a coisa à vista/Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la/Mirá-la por admirá-la/Isto é iluminá-la em ser por ela iluminado/ Estar acordado por ela/Estar por ela.” (THENIRO, 2008) Ser naquilo que se admira. Vibrar, intensificar, irradiar e resplandecer na luz da coisa admirada é relê-la, apreendê-la... É estar nela e por ela. Não é furtá-la, egoisticamente, à visão do outro. “Guardar” é maravilhar-nos com a existência daquilo que nos é mais caro. Conforme Luft: “cada um dê a esta narrativa o nome que quiser. Para mim é aquela mesma fala no ouvido do leitor, que tanto me agrada e faço em romances ou poemas – um chamado para que ele venha pensar comigo.” (LUFT, 2006, p. 14)

“UM

IN

CI

MA

DU

Ô...

TRU

IU ÚLTIMO SEMPRE

FICA FURIOSO” (THENIRO, 2008)

A forma multiplica-se em sentidos. O texto pulveriza-se em possibilidades a partir da imagem. A brincadeira, a separação silábica e o desfecho surpreendente brindam-nos com um final inusitado. “na Poesia, mais importante que o conteúdo é a forma, é o sentimento que nos provoca: as imagens que nos evoca...” (PARREIRAS, 2009, p. 62)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno será um leitor se tiver professores leitores. Como podemos trabalhar com jovens, com a infância se não somos seres de palavras? Um professor que não prioriza a leitura não pode ensinar, que dirá aprender “com”. A leitura é a base, o alicerce, a fonte! Devemos ler para os nossos alunos, falar-lhes dos livros que marcaram nossas vidas, recitar poemas, contar-lhes histórias... A oralidade, a produção textual, a criticidade, a autonomia e a autoria discorrerão naturalmente. “É preciso, pois, que o professor seja um necessitado de leitura. E que fale de suas leituras com paixão, com emoção!” (RITER, 2009, p. 73). A escola deve se repensar e buscar, como pedra basilar, uma educação voltada para a formação do leitor e a difusão da leitura.

O analfabetismo funcional e a nossa condição de país relegado ao terceiro mundo destituído de iniciativa, visão e sustentabilidade só poderão ser erradicados através do hábito intensivo e urgente de ler. Precisamos de uma sociedade empenhada em atribuir à leitura o bem maior que lhe compete e passar, de geração em geração, esse valor. Antes da palavra escrita, a criança apropria-se da linguagem a partir da fala, ou seja, daquilo que ouve do adulto. Portanto, a oralidade que se evidencia, através do letramento emergente, deve estar impregnada de histórias, de contos, de lendas que desencadeiem, em sua subjetividade, a magia, a transformação, a coragem, a perseverança, a superação e o sonho capazes de lhe conferir equilíbrio em relação a sentimentos difíceis de elaborar como a dor, a solidão, a morte, o medo, a raiva... “aproximando os contos dos mitos cuja vocação é, antes de mais nada, a de operarem como estruturas geradoras de sentido” (CORSO, 2006, p. 28, apud FERNANDES, p.1).

“Estaremos formando os futuros leitores, conferindo-lhes o verdadeiro significado da leitura, isto é, que não se trata apenas de fruição” (RITER, 2009, p. 57) ou *laissez-faire* como também pode nos desafiar quando lutamos para adentrar nas entrelinhas ao que concerne à compreensão ou domínio lexical. Segundo Azevedo, “a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação” (apud SOUZA, 2004, p. 38-47).

Pais leitores terão filhos leitores e professores que apregoam a importância da leitura, não obstante não comentam os seus livros preferidos, não trazem histórias contagiantes, não escrevem os seus textos (por que não?) e os leem para os seus alunos não empolgarão a infância muito menos a adolescência para mergulharem nesse mar de possibilidades que caracteriza o prazer de ler.

A leitura nos outorga uma comunicação ampla e eficiente porque viabiliza a intimidade com idioma e permite a aquisição de uma oralidade fluente e uma escrita com vocabulário rico, construções coesas e coerentes. Theniro, que conseguiu instigar a turma para a leitura e a escrita, não como mera fruição, mas

um universo do qual sairemos transformados. Presenteou-nos com sua poesia e histórias apenas lidas, deixando-nos observar o escritor presente no professor. “Cada livro, cada tomo... tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma daqueles que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém desliza os olhos por suas páginas, seu espírito cresce e se fortalece.!” (ZAFÓN, 2008, p. 400)

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, Isabel. **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 144p.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. Porto Alegre: L&PM, 1998. Coleção Pocket.
- ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**; [organização Raíssa Castro Oliveira]. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. 1902-1987. **Alguma Poesia**. Prefácio de Manuel Granã Etcheverry. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo. Ática, 1999.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Caminhos para a Formação do Leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-47.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Fadasno Divã. Porto Alegre: Artmed, 2006. In FERNANDES, Lia. **A Filiação da Narrativa**. Resenha. Disponível em: <<http://www.marioedianacorso.com/wp-content/uploads/2010/11/A-ilia%C3%A7%C3%A3o-da-narrativa-por-Lia-Fernandes-Revista-Percurso.pdf>> Acesso em: 3 dez. 2011.
- FREIRE, Paulo. 1921-1997. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 49.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. Porto Alegre: L&PM, 2008. Coleção Pocket .
- LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos**. 32.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Oralidade Escrita e Papéis Sociais na Infância**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. Série Gêneros e Formação.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de Línguas na Literatura**: o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009
- PNBE 99: **Histórias e Histórias**: guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola – literatura infanto-juvenil./Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC; SEF, 2001.
- PORTER, Eleanor H. **Pollyanna**. Tradução de Monteiro Lobato. 30.ed. São Paulo: Nacional, 1990.
- _____ **Pollyanna Moça**. 18.ed. São Paulo:Nacional, 1982.
- RITER, Caio. **A Formação do Leitor Literário em Casa e na Escola**. 11.ed. São Paulo: Biruta, 2009.
- SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e Alfabetização**: do plano do choro ao plano de ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- THENIRO. Almanaque. **Registro da Prática**. Acervo próprio, 2007/2008.
- ZAFÓN, Carlos Ruiz. **O Jogo do Anjo**. tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.